

Madalena Freire

Entre Escolas
e Ativismos,
uma aula com
Madalena Freire



Madalena
Freire

**Entre Escolas e Ativismos,
uma aula com Madalena Freire**

Coleção Dez por Cento

Expediente

Esse conjunto de seis publicações chamada “DEZ POR CENTO” foi produzido pelo Núcleo de Educação, Invenções e Resistências - NEIr, da Escola de Ativismo.

Equipe Editorial

Alana Marquesini, Arthur Dantas Rocha,
Luísa Coelho, Luciana Ferreira da Silva,
Maria Teresa de Arruda Campos,
Mário Campagnani, Silvio Munari.

Identidade visual

Isabella Alves

Projeto gráfico e diagramação

Olivia Ferraz de Almeida

Transcrições

Ivan Rubens Dário Junior

Revisão

Arthur Dantas Rocha

Tiragem

500 exemplares

Editora

Pedro & João Editores

Escola de Ativismo

Rua Desembargador Eliseu Guilherme, 292
9º andar. Cep 04004-030, Paraíso, São Paulo/SP

Email

contato@eativismo.org



Em 2021 a Escola de Ativismo completou dez anos de vida. Por uma feliz coincidência, este também foi o ano em que se comemorou o centenário do nascimento de Paulo Freire. Para celebrar tal coincidência, a Escola de Ativismo promoveu a série de encontros chamada "Dez por Cento", convidando professoras e professores para pensar possíveis relações entre ativismo e educação.

Foram seis *lives*, que contaram com a participação de Romualdo Dias, Jorge Larrosa, Alessandra Munduruku, Madalena Freire, Silvio Gallo e Dyarley Vianna. Todas estas falas, disponíveis no canal do YouTube da Escola de Ativismo, foram transcritas, revisadas por suas autoras e seus autores, são agora publicadas em uma forma de livro, que você tem em suas mãos e diante de seus olhos.

Esta série de *lives* nos permitiu pensar diferentemente sobre as relações entre educação e ativismo. Ainda que Paulo Freire tenha sido o motor que dinamizou o processo, as companheiras e os companheiros trouxeram contribuições e perspectivas muito próprias. Com isso, pudemos ouvir um número elevado de referências, de práticas, de pensamentos que multiplicaram, e muito, as nossas referências, pensamentos e tem inspirado outras práticas. Os efeitos que produziram em nós podem ser lidos na sequência, no Manifesto Educação Popular Ativista.

Copyright © Madalena Freire

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Madalena Freire

Entre Escolas e Ativismos, uma aula com Madalena Freire.
Coleção Dez por Cento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
28p. 14,8 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0106-1 [Impresso]
978-65-265-0131-3 [Digital]

1. Paulo Freire. 2. Educação. 3. Educação popular. 4. Ativismo. I. Título.

CDD – 370

Capa: Olivia Ferraz de Almeida

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariângela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

Manifesto Educação Popular Ativista em permanente construção

A escola do Fora e o fora da Escola

Mundo é tempo
refletir não é ativar.

Nós afirmamos que meio ambiente é aqui e agora, é por inteiro e não pela metade.

Amor ao mundo é estudo e disciplina

é fora da escola, é escola do fora.

É guerreira por dentro, e estratégica por fora.

Aprendiz por dentro, educadora por fora.

Uma escola que se faz com e não para

Com a imagem do rio que ensina pela correnteza, sob força de arrasto, do sobe e desce piraçema.

Mas

atuação sem parada não existe, é bom lembrar...

dar-se tempo!

Tempo para notar, que cada pessoa é um mestre, educador, educadora

Caminhamos lado a lado nos ensinando mutuamente, como um agogós

Educação que se dá pelo contágio dos corpos.

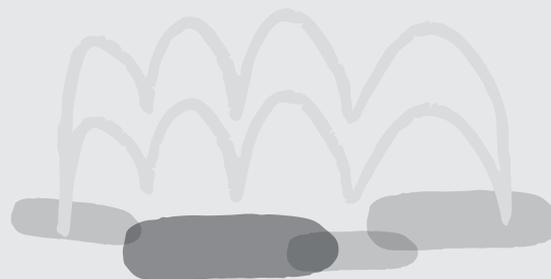
Educação mundo estudo reflexão tempo planejamento registro amor desejo
militância ativismos luta distância desaceleração paisagem ação direta cuidado
estratégia aprendizagem alteridade autogestão autonomia e tantas outras palavras
definem nosso modo de fazer educação e ativismos.

A escola do fora, o fora da escola.

Educar é ato de amar

Educador guerreiro?

Identidade para nos situar e não para nos situar.



Mangue - porção de rio com água salobra

ler o movimento das marés. Para quê?

Para surfar a melhor onda, pra entrar no momento certo, e agir!

Onde está a riqueza?

No mangue

na cachoeira

no estuário

no oceano

no rio

na floresta

nas pedras

no igarapé

no sertão

na areia

O progresso é caminhar em direção à origem

Paralizaremos os corpos se mutilarmos a natureza

Aniquilaremos os corpos se não frearmos a matança do clima.

Uma antena de wi-fi enterrada na lama ou navegando em uma canoa?

Warriors e todas as gangues

estão debaixo das árvores conosco.

Lousa-mesa se deslocando o tempo todo

no sobe e desce piraçema

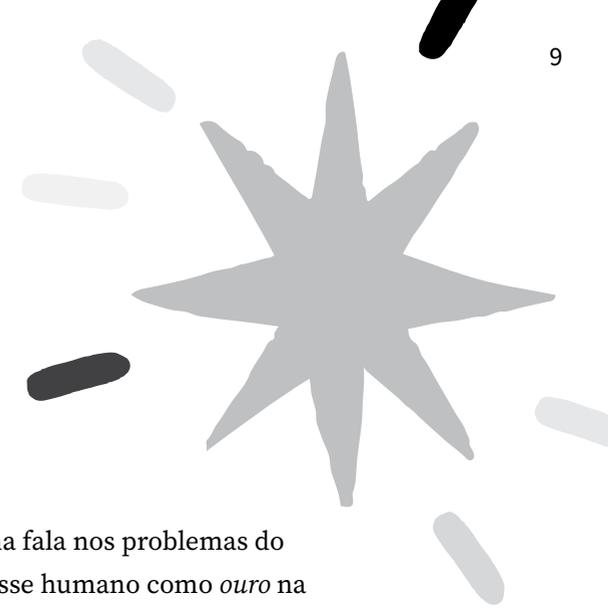
A Escola do fora, o fora da escola.



**Para assistir
as lives do
DezporCento
acesse o
QRCode**



<https://escoladeativismo.org.br/dez-por-cento-10-anos-de-escola-de-ativismo-100-anos-de-paulo-freire>



G Madalena Freire¹

gostaria de situar a minha fala nos problemas do humano, entendendo esse humano como *ouro* na educação. Pode parecer redundância falar *o ouro da pessoa humana*, mas digo isso por perceber que essa pessoa humana anda muito desgastada, massificada, alienada dela mesmo, razão pela qual estou convocando o *ouro* dessa pessoa humana que *nós somos*. Bicho não pensa, bicho não toma consciência da própria existência. Mas pessoa humana pensa, a gente tem consciência da própria existência porque pensa, porque imagina, porque sonha, porque simboliza, porque pensa o mundo. E quando a gente pensa é porque tem problema. A gente só pensa porque tem problema.

Um primeiro sintoma nos processos de aprendizagem é a resistência devido ao choque do velho com o novo. Nesse sentido, cabe ao educador a função de trazer a novidade ao comunicar o conhecimento, ao trazer a informação. Então acontece o choque entre o novo e o velho de cada um. O velho do que sabia e o novo do que eu ainda não sei. Não se aprende do nada, a gente aprende porque tem problema, e um primeiro sintoma dessa aprendizagem é a resistência. A gente resiste a mudar.

¹ Madalena Freire é filha de Paulo Freire. Professora, arte-educadora e pedagoga, tem se dedicado à formação de educadores.

Quais são os problemas, resistências, dificuldades que vocês têm enfrentado no trabalho educacional da Escola de Ativismo? O que tem acontecido no dia a dia de vocês educadoras?



D **Luciana Ferreira** *iferente das escolas formais, a Escola de Ativismo não tem um prédio. Alessandra Munduruku disse que a Escola de Ativismo é a escola da sombra das árvores, porque a gente faz as coisas mesmo na sombra de árvore, nas malocas, nos galpões. E nesse nosso trânsito, nossa estratégia de atuação é estar ao lado dos movimentos sociais, estar junto dos coletivos, o que torna o processo mais lento. Diferente de uma escola formal em que todo mundo sabe onde é a escola, qual é o currículo, o que vai aprender, com a gente acontece uma coisa um pouco mais demorada: a gente tem que chegar, ficar lá um pouco, aprender, verificar quais são as palavras, os temas, e assim iniciar o nosso trabalho pedagógico a partir dos ativismos que encontramos.*

Os movimentos sociais estão sob forte ameaça. Os coletivos não podem esperar, há uma urgência nas situações e, conseqüentemente, os aprendizados necessários, os conteúdos

necessários para a luta são urgentes. Diante da urgência climática, da urgência dos direitos, da urgência nos ativismos, da urgência da fome, como educadoras populares pressionadas pelas urgências podem pensar o tempo da aprendizagem?

As comunidades estão gritando por ajuda e, diante da urgência das intervenções, o tempo da aprendizagem acaba sendo massacrado. Como é que a gente, enquanto educador que trabalha com intervenção e com as necessidades cada vez mais urgentes, pode balancear a necessidade pulsante nos territórios com o tempo necessário para a aprendizagem?

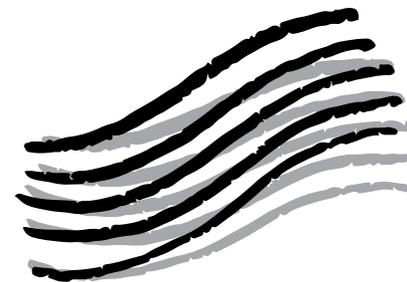
O **Madalena Freire** *tempo não cai do céu, o tempo não é doado. O tempo é construído, o tempo é assumido. O desafio do que você coloca é: neste tempo que eu tenho e que você fala que é de urgência, qual é o meu passo de formiguinha, mas é um passo de ação para fazer o tempo? Porque você tem tempo, os educandos também tem um tempo, e o desafio é organizar essa ação no tempo. O tempo não cai do céu e o tempo não é resolvido magicamente. O tempo é assumido na disciplina do caminhar passo a passo, um passo de cada vez de forma planejada de acordo com o tempo disponível.*

De forma planejada, o tempo é um aliado nesse trabalho diário. O planejamento está considerado como ação possível no meu tempo, interação com o outro e ação na realidade. E para aproveitar bem o tempo disponível é preciso disciplina, a disciplina intelectual de estudo.

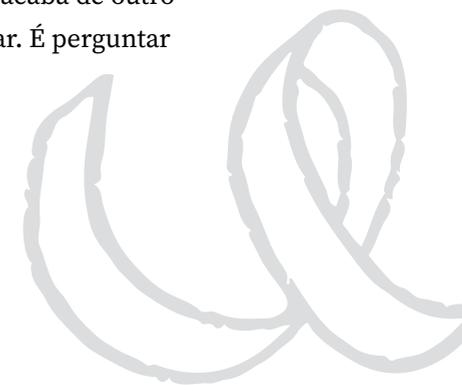
Todo educador é um intelectual. Não estou me referindo necessariamente ao trabalho acadêmico, mestrado e doutorado: falo do trabalho com as ideias. O educador é um intelectual porque ele trabalha com conhecimento. Um trabalho gestado e assumido no tempo, uma construção temporal, uma construção miudinha, trabalho que exige continuidade, um trabalho que não pode sucumbir à imobilidade e à paralisia. Muito pelo contrário: se você assumir o seu tempo você ganha agilidade. Mas não basta assumir o tempo sem refletir. Se assumir o tempo sem parar para refletir, porque temos a competência humana de pensar, se ficamos na ação, se ficamos numa atividade pela atividade sem parar e refletir, como faremos o distanciamento para contemplar e refletir o que foi feito? Na reflexão eu me distancio para observar, eu consigo colocar atenção, consigo olhar o que eu fiz e também aquilo que eu não pude fazer, consigo observar o que é urgente fazer, e imaginar a atividade possível no tempo disponível. Enquanto a ação pela ação, a ação sem a reflexão, uma ação apenas nesta urgência desumanizadora do mundo contemporâneo, configura um mero ativismo. Fica o fazer pelo fazer.

É a reflexão que dá luz, o conhecimento e o distanciamento necessários para lapidar o seu pensamento. Aqui vem a outra

grande arma: a escrita! Claro que cabe outras linguagens como fotografia, pintura, desenho, tudo pode, mas a escrita enquanto registro, é o instrumental único e valioso para a reflexão do educador.



O tempo não cai do céu. É preciso construir o tempo de parar: pode ser meia hora, vinte minutos, pare e registre. E registre avaliando, pensando o que foi adequado, o que não foi adequado, assim vão aparecendo os focos possíveis para mediar essa reflexão. Mas a ação pela ação, a atividade pela atividade, é bombeiro pedagógico no sentido de que só apaga fogo, “corre aqui, corre ali, corre pra lá agora, ai ai...”. Sempre tomando susto, sempre correndo atrás das urgências e sem parada para registro e reflexão. Um registro sobre uma aula que aconteceu, um registro sobre o encontro que aconteceu, que a gente começa de um jeito e acaba de outro jeito, porque reflexão é isso: é lapidar o pensar. É perguntar melhor, duvidar melhor, é pesquisar melhor.



N **Teresa Arruda**
o livro Pedagogia da autonomia², Paulo Freire coloca nove exigências do educador. Mesmo a gente sendo uma escola sem muro e sem parede, uma escola que pode estar em qualquer lugar, mesmo assim somos uma escola com as suas exigências enquanto escola. Os educadores e educadoras da Escola de Ativismo também precisam registrar, pensar, ter pontos de partida, ou seja, viver esse processo enquanto educadores?



N **Madalena Freire**
 ossa raiz pedagógica é contaminada pelo autoritarismo, confundimos autoridade do educador com autoritarismo. Aí a gente muda o nome, a gente tenta outra coisa para dizer que não é autoridade educadora, que a gente não tem autoridade. Tem educador que se nega, tem educador que se omite e não há coisa mais autoritária do que a omissão. É sempre em relação, é sempre relação entre educador

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

e educando. E aqui não tem uma ordem onde um aparece primeiro do que o outro, um aparece na frente do outro, me refiro a uma relação educador-educando, uma relação nutrida pelo ensinar e pelo aprender. O educador ensina o educando na mesma medida em que aprende com a aprendizagem do educando, e o educando ensina o educador na revelação da sua aprendizagem. E neste processo de ensino e aprendizagem, os dois estão sempre juntos, os dois são aprendizes do seu fazer. No fazer de ensinar, no fazer de aprender, ambos caminham juntos nessa caminhada do conhecimento. Numa caminhada em que ambos têm responsabilidade e deveres: educador tem que ter reflexão registrada, avaliada, planejada, com tempo construído, assumido. Educando tem uma reflexão em qualquer linguagem, se ele não escreve essa língua, se ele não fala essa língua, então ele vai ter que parar pra fazer porque, do contrário, nós vamos cair nos desvios que são autoritários do mesmo jeito, mas com uma aparência democrática. Mas uma falsa democracia porque, na verdade, é puro democratismo.

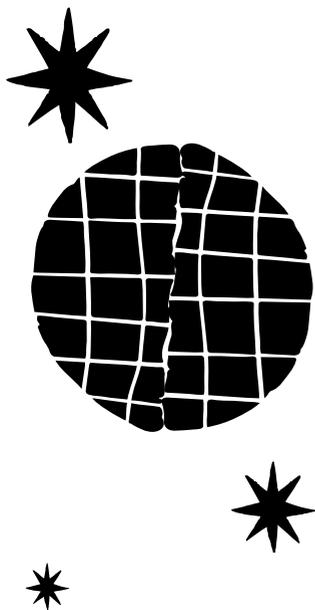


Educador não troca! Educador interage com educando para conduzir, educador interage com o educando para acompanhar, educador interage com o educando para provocar a troca entre os educandos. Assim, o educador acompanha o processo da construção do produto de todos, dele educador e dos educandos. E quando eu digo que ele não troca, é no sentido de que ele é a autoridade responsável, ele não pode se omitir.

Ele sabe mais (saber mais não é saber tudo, e saber mais não é saber menos ou mais como meu pai dizia), saber mais e ter o olhar e orientar: “o processo pode ir por aqui, a conquista vai chegar lá em cima”. É uma espécie de visão ao mesmo tempo microscópica e telescópica. Ou seja, educador tem que conduzir, não de forma autoritária como quem diz: faça isso! Faça aquilo! Não se faz por imposição, não se faz pela força. Não! Mas pelo simples fato de quem sabe mais, de quem tem experiência e está nessa condição de iluminar o caminho, de clarear a ação, quem sabe mais está nessa condição de oferecer os instrumentos, isto é tudo da responsabilidade do educador. Mas isso não quer dizer que educando também não faça, o educando faz também, educador e educando fazem, mas o educador é quem está com esta autoridade.

Teresa Arruda

Esse lugar do professor e da professora é um lugar muito peculiar. Não é um lugar de amizade, é o lugar em que o conhecimento vai rolar, vai ser provocado, vai acontecer. Cabe ao professor pensar no que ele está fazendo, o professor deve pensar no como ele está conduzindo o processo educacional, a professora precisa pensar sobre tudo aquilo para que esses educandos possam trilhar um caminho. Se estamos falando de construção da humanidade, qual é o papel do professor e da professora? Seria ajudar a pensar o mundo?



Madalena Freire

Cabe ao educador introduzir o educando no mundo do conhecimento. Dentro de uma sala de aula, embaixo da árvore, no rio, não importa aonde, é função do educador introduzir o educando no mundo do conhecimento, introduzir o educando no mundo das ideias. Com isso, ele está introduzindo esse educando, esse grupo de educandos na esfera pública, no mundo público! Vejam que não estou falando da família. Aqui é necessário fazer essa distinção: o mundo privado (o mundo que você pensa, que você aprende, que há uma ética primária, primeira - e nisso a gente está completamente perdido porque pai e mãe muitas vezes não têm hora, não têm rotina, não têm a organização etc) e o mundo público que é o mundo do bem comum. Como um representante do amor, o educador introduz no mundo público. Educador como representante do amor ao mundo, do amor ao conhecimento, do amor à vida, do amor à natureza, do amor aos seres vivos, o educador é este testemunho. Ele não é amigo, ele não está na família, ele não tem laços de parentesco, o educando está diante de um profissional. A escola, o mundo público, é o mundo entre profissionais. Ele é um profissional no sentido de que ele não está no mundo da família. Profissional no sentido de um educador que vai defender o conhecimento, que é um testemunho da vida, do mundo, do amor ao mundo, um testemunho de que é preciso assumir esse mundo. No sentido da tradição, do conhecimento, ele é um testemunho disso. É claro que ele tem relações de amizade, relações de companheirismo, relações de amorosidade.



Aqui quero abrir um rápido parêntese: só se aprende por amor ou por ódio. Não estou defendendo o ódio, mas pior que o ódio é a indiferença. A indiferença é mortal, o preconceito na indiferença é mortal, essa sim é a violência. Mas o educador que não constrói o seu ensinar, a sua relação de autoridade junto com as autoridades do educando, porque educando também tem autoridade, os dois são autoridades, só que educador na especificidade da sua função e educando na especificidade da sua função. Direitos iguais em funções diferentes.

A **LUCIANA FERREIRA**
Escola de Ativismo estudou os livros do Jan Masschelein³ e do Gert Biesta⁴ publicados no Brasil pela editora Autêntica. O Jorge Larrosa esteve numa live conosco também. Com eles, mantemos viva a pergunta: pra que serve a escola mesmo?

A Escola de Ativismo constrói o seu currículo lá com as pessoas em seus territórios porque o objeto de trabalho delas são as lutas, as resistências, a busca por direitos. E isso tem as especificidades locais e regionais. Ao mesmo tempo em que a escola formal tem seus currículos determinados por bancos, por corporações, por empresas.



3 MASSCHELEIN, J. e SIMONS, M. Em defesa da escola. Uma questão pública. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

4 BIESTA, Gert. Para além da aprendizagem. Educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

J **Madalena Freire**
 enho impressão de que se trata de uma invasão para manutenção do poder capitalista. Eu coordeno um curso de formação no Rio de Janeiro há 16 anos, é um curso de especialização na educação infantil. Uma formação que tem um currículo. Nós fizemos um levantamento do que nós acreditamos ser necessário que o educador e a educadora da educação infantil têm que entrar em contato, estudar e conhecer acerca da realidade. A formação é oferecida para professores da educação infantil que moram e trabalham em 36 favelas do Rio de Janeiro. Fizemos um levantamento em dois sentidos: 1) o que é fundamental na teoria da Educação Infantil e 2) o que é fundamental no levantamento vocabular⁵, no sentido da importância da realidade dessas favelas, o que é que tem que entrar neste currículo.

Aquilo que nós sonhamos, aquilo que desejamos, aquilo que acreditamos é melhor fazer aos sussurros, falando baixinho, fazer no miudinho, sem chamar muito a atenção para poder revolucionar e, revolucionando, e subvertendo, construir devagar aquilo que a gente sonha e o que a gente acredita.

Tudo isso é problema para os quais a gente precisa criar soluções. Criando problemas, vamos subvertendo esta ordem capitalista, desumana, esse inferno que desumaniza.

Agora, o educador só ensina e o educando só aprende, essa pessoa humana só ensina e aprende, se deseja. Esse humano deseja vida e deseja a morte. Isso aqui é inspiração na psicanálise que eu recrio com a minha palavra. Desejar a vida

5 Com inspiração em Paulo Freire, vocabular não é vocabulário no sentido *stricto sensu* da palavra.

é investir nos problemas, é batalhar: isso vai acontecer! Eu vou fazer uma rifa, vou chamar os meninos, vou alugar um ônibus, eu vou fazer isso... Desejar a vida é enfrentar, subverter, assumir no tempo vivido. Mas não tem vida sem morte, então, se vida é problema, se vida é ação, se vida é querer enfrentar, a morte é oposto disso. Morte é acomodar: não preciso pensar, não preciso refletir, não preciso escrever, tenho tudo na minha cabeça, eu estou aqui e a culpa é deles, os ignorantes são eles. Desejar a morte é acomodação, desejar a morte é alienação.



Quem nunca ouviu assim: “você acabou de chegar... Estou aqui faz 20 anos, isso aí é assim mesmo, não se incomoda, não”. Desejar a morte é virar esse tipo de múmia que não sabe. Aí reside a autoridade do educador, essa autoridade de quem tem a responsabilidade de mexer com o desejo e o sonho. E isso tem relação direta com o currículo subversivo: qual é o sonho? Qual é o desejo? Porque o educador também tem um compromisso de interpretar, tem o compromisso de ler os desejos dos alunos. São três níveis de desejar. Tem um desejo que é a vontade (eu estou com uma vontade, eu vou fazer isso, me deu vontade), uma vontade chega e logo vai embora. Tem um desejo mais forte que é o interesse, chega todo mundo falando daquela

notícia, chega todo mundo trazendo um brinquedo, chega todo mundo numa disposição, está todo mundo ali dentro daquele pacote de interesse, o interesse é um desejo que demora mais tempo. Agora, o educador tem que interpretar e ler tudo isso. Se ele não faz a reflexão, se ele não reflete todo dia, ele não vai saber ler e interpretar. Escrever e ler é interpretar, escrever é fundamentar para a teoria que se pratica. Sem este exercício disciplinado de criar um tempo de parar e fazer, o educador não faz essa leitura. Só o educador é capaz de ler esse desejo que está escondido porque ele sabe mais (não é saber tudo, não é ser dono da verdade), porque ele é mais vivido, já tem certas experiências na vida com educandos que o ajudaram nessa construção de capacidade de leitura do desejo. Diferentemente da vontade e do interesse que são de fácil verbalização, o desejo de necessidade vem camuflado, fica escondido. O educando não é capaz de dizer do desejo da necessidade.

Interesse e necessidade... Vou te dar um exemplo: um grupo viu um filme, *Rei Leão*, e o grupo ficou interessado, ficou chocado com aquela história, mas é o educador que, lendo a situação, interpreta porque os alunos ficaram tão mexidos por este filme.

Um educador que só lê vontades vai dizer: “vamos fazer uma pesquisa de bichos, animais, a floresta... Vamos fazer um projeto para saber quais são os bichos...”. Um educador que só lê necessidades vai dizer: “o que mexeu com eles foi a morte do pai, o que vai acontecer se eu for abandonado? Como eu vou me virar quando meu pai e minha mãe morrerem? Tem esse perigo de eu ficar sozinho? Isso é leitura de necessidade.



Se gente é desejo, vida e morte, se gente só aprende porque deseja, se é na amorosidade e no ódio que se aprende... Se a gente é essa complexidade, essa fragilidade, e a pandemia escancarou a fragilidade humana de um mundo terrestre que não é nada porque é um sopro, porque se acaba.

Então, o educador é responsável por construir o tempo necessário e fundamental na construção da disciplina de estudar. O educador é responsável por isso porque ele é testemunho de amor ao mundo, amor à ciência, amor à vida, amor à natureza, amor aos animais, ele é testemunho disso tudo. E o estudo, o conhecimento são as ferramentas fundamentais para nossa evolução humana, nossa humanização.

A **Luciana Ferreira**
matéria do nosso estudo e da nossa militância é exatamente esse humano. A gente faz educação com as pessoas. E você, Madalena, falou do estudo, da subversão, de vida, de registro, de escuta, de tempo, tempo de ação, reflexão, de ação de novo, falou de autoridade educadora, de responsabilidade, desejo de leitura e de interpretação de mundo. O que mais você acha que não pode faltar no currículo de uma Escola de Ativismo?

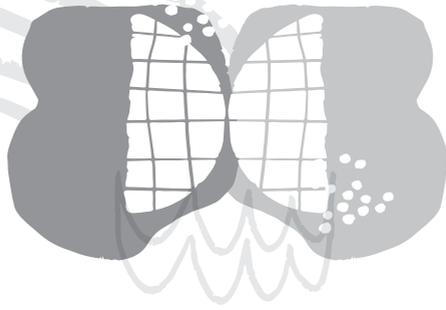
M **Teresa Arruda**
Madalena, você sugeriu que a psicanálise pode nos ajudar?

T **Madalena Freire**
 oda pessoa humana é o *ouro* porque nós nascemos com uma impressão digital. A impressão digital que mostra que cada um é único na face da terra, não tem igual. Tem uma voz própria, tem uma marca própria, e isso significa que nada acontece à toa. Tudo tem um sentido, tudo tem um significado. E essa unicidade marca a vida do outro, e o outro marca a vida dele na minha, e isso significa que eu tenho uma missão. Não estou falando de missão religiosa ou missão política, estou falando de missão humana: missão muito maior que tudo, é MISSÃO HUMANA!

Vocês têm uma missão de estudar. Pega o livro *Pedagogia do oprimido*⁶ para estudar a sério, capítulo por capítulo. Eu acho que esse livro é fundamental para vocês da Escola de Ativismo. Nele estão as questões a respeito do currículo, nele estão inspirações para recriar e para manter o currículo que vocês procuram. Esse *ouro* do educador é essa pessoa humana e é porque há desejo, e desejar é chama, desejo é entusiasmo, desejo é energia, é ânimo, e se essa chama não estuda ela fica pequenininha, quase apagando. Agora, se essa chama estuda ela vira uma labareda anarquista... e cabe ao educador educá-la, limitá-la, organizá-la. Educar, nesse caso, é limitar essa chama anarquista, educar é organizar essa chama anarquista. A *Pedagogia do oprimido* vai ajudar vocês a acender e educar chamadas anarquistas. Vamos olhar o que o Paulo Freire diz: quando “se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo”⁷.

6 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 57ª edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

7 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 57ª edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. Pág. 108.



Vou pegar na psicanálise a ideia de mundo inconsciente. De repente, você fala uma palavra que revela realmente o que você tá pensando; de repente, você tem um comportamento que foi sem pensar; de repente, você disse alguma coisa inconscientemente. Ou seja, é a manifestação do inconsciente. Por quê? Porque não passou pela reflexão, porque você não tomou distância. É nesse sentido que a prática pela prática, a atividade pela atividade, vira um mero ativismo. Eu tenho uma proposta de atividade, eu tenho uma prática com esse grupo: aqui está a proposta que é o meu fazer e, se eu não paro aqui para refletir, automaticamente eu volto para minha ação sem pensar. Então o Paulo Freire está falando de um ativismo compreendido como “praticismo”, um fazer pelo fazer, uma coisa meio automática que se repete sem reflexão. Porque a reflexão é a tomada de consciência, a reflexão é a teoria da prática que você pratica e que você nem sabe qual é a teoria. Se você não parar para refletir você não vai ter a teoria, você vai imaginar que aquilo foi obra do acaso. E o Paulo Freire continua: “Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo”⁸.

Ou seja, o ativismo é a prática que é feita sem reflexão, o ativismo é uma ação pela ação, é uma atividade pela atividade,

que não para para refletir. E se não para para refletir, não tem a teoria. O que é a práxis? A práxis é prática e a teoria pensada. Então não está fazendo a práxis, a prática e a teoria pensada. Se não pensa, se não reflete, o diálogo vai capengar, é isso que o Paulo Freire está querendo dizer. Ele continua: “qualquer destas dicotomias, ao gerar-se em formas inautênticas de existir, geram formas inautênticas de pensar, que reforçam a matriz em que se constituem”⁹. O Paulo Freire está falando do diálogo¹⁰.

Se o educador é essa autoridade que testemunha o amor ao mundo, o amor ao conhecimento, o amor à vida, o amor à natureza, o amor aos animais, o grande desafio desse educador na construção assumida do seu tempo com seus educandos é assumir-se estudioso. E dizer que aprender enquanto estudioso significa dizer que: se gente aprende no choque do velho com o novo, a gente sempre luta com a própria resistência porque aprender dói. Dói! Dói porque a gente tem que mudar; dói porque a gente tem que refletir; dói porque a gente tem que pensar diferente.

Esse aprender não é espontâneo, não é natural. Esse humano obviamente nasceu com a competência natural de aprender, só que o processo de aprendizagem nunca é você sozinho. O processo de aprendizagem é social: é você com os outros, você entre os outros. E se é social, dói! Dói porque te frustra; dói porque tem enfrentamento; dói porque tem discordância. Dói!

Esse é um alerta: quando a gente enfrenta, quando a gente vai para a briga, vai com calma porque produz muita dor tanto em nós quanto nos educandos. E às vezes a gente vai com muita gana e produz simplesmente choque. E o outro, na sua



8 Idem. Pág 108.

9 Idem. Página 108.

10 Capítulo: *A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade.*

resistência, ergue um muro entre vocês. É importante trabalhar a resistência positiva que é o convencimento. Mas veja, convencer não é manipular. Convencer é mostrar, convencer é conversar, convencer é interagir, é escutar, é desafiar o outro a pensar e perceber que ele pode. E o educador está fazendo essa aposta junto com o educando.

E nessa coisa do mundo, desse currículo, dessa realidade insana, desse capitalismo e dessa direita que está no mundo, pra enfrentar tudo isso a gente tem que se nutrir. Veja: se a gente aprende porque deseja, se a gente ensina porque deseja, desejar é ânimo, é entusiasmo, desejar é energia para enfrentar tudo. Se desejar é isto, e trabalhando para que essa resistência natural do processo de aprendizagem seja uma resistência positiva, é abertura para a tarefa, é abertura para reflexão, é abertura para se rever e pensar. Então tem tudo isso: desejo, resistência, abertura, chama, entusiasmo, energia. E tudo isso quer dizer que a gente tem paixão. A gente se apaixona.

Agora, tem duas paixões viáveis e possíveis. Assim como tem desejo de morte e desejo de vida, tem a paixão alegre e tem a paixão triste. Minha inspiração é a filosofia do Espinosa¹¹. É preciso se proteger, se preservar um pouco dessa porcalhada toda. Por exemplo: desligar a televisão para não escutar essa falação e se preservar das paixões tristes. E alimentar a paixão alegre, e fazer da alegria e desse desejo e dessa vontade de vida um ato de fé. Um ato de fé no desejo apaixonado de fazer a vida, e de mudar, e de crescer. Porque a paixão triste é o avesso dessa paixão alegre. E a gente só mata a paixão triste com muita paixão alegre.

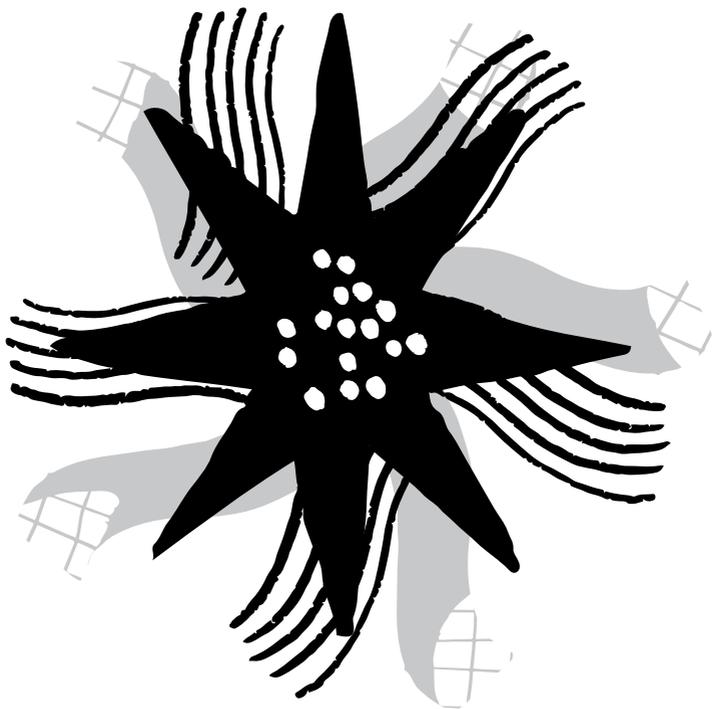
11 Baruch de Espinosa (24 de novembro de 1632 – 21 de fevereiro de 1677), filósofo holandês.



Então, por exemplo, criar, criar no seu tempo e na sua rotina de dia de vida, situações de alegria. Parar em frente dessa árvore, pegar essa música e escutar. Separa o que não te faz bem escutar e prioriza a música. A gente só mata essa paixão triste, maldosa, insana, perversa desse mundo atual, com muita dosagem de paixão alegre.

O nosso autoritarismo... Porque ninguém nesse país pode dizer: “eu não sou autoritário”. Você está a cada dia chegando ali, vigiando o seu autoritarismo porque na menor derrapada ele aparece. Lutar contra isso, cuidar para não derrapar é o trabalho permanente da reflexão, sem reflexão você derrapa, você cai.

Neste sentido, esse nosso autoritarismo é uma paixão triste que produz medo, fatalismo, cinismo, desesperança, perversão, amargura. Já a paixão alegre, os desejos de vida, dão muito trabalho porque são gestados no conflito, no confronto, nas diferenças, no choque do velho com o novo, no caos criador, porque é preciso reinventar e criar uma outra saída. E para tudo isso nós temos que trabalhar nosso medo, transformar nosso medo em coragem de assumir a educação desse drama de existir. Somos sujeitos porque, desejamos, sonhamos, criamos, na busca permanente da alegria de aprender e ensinar. O esperar sempre por um mundo mais humano onde não seja tão difícil amar (isso é Paulo Freire), mais democrático. Mesmo que em tempos tão sombrios, este é o drama de permanecer vivo, aprendendo, ensinando, fazendo educação apaixonadamente pelo conhecimento e pela vida.





ESC OLA DE TIVI SMO

.org.br

ISBN 978-65-265-0106-1



9 786526 501061 >

